

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPOS DE NATAL
CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

KLEITON GEVERSON DE OLIVEIRA RODRIGUES

**A ASCENSÃO DO CRISTIANISMO: UMA RECONSIDERAÇÃO
HISTÓRICA DO SOCIÓLOGO RODNEY STARK**

**NATAL/RN
JUNHO 2016**

KLEITON GEVERSON DE OLIVEIRA RODRIGUES

**A ASCENSÃO DO CRISTIANISMO: UMA RECONSIDERAÇÃO
HISTÓRICA DO SOCIÓLOGO RODNEY STARK**

Monografia apresentada ao curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como requerimento para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências da Religião.

Orientadora: Prof. Dr. Rodson Ricardo Souza Nascimento

**NATAL/RN
JUNHO 2016**

KLEITON GEVERSON DE OLIVEIRA RODRIGUES

**A ASCENSÃO DO CRISTIANISMO: UMA RECONSIDERAÇÃO HISTÓRICA DO
SOCIÓLOGO RODNEY STARK**

Esta monografia foi apresentada, tendo sido considerado adequado e julgada como aprovada na forma de trabalho final do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Aprovado em _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodson Ricardo Souza Nascimento
Orientador

Prof. Esp. Pedro Mendes de Lima – SME
Examinador

Prof^a. Dr^a. Irene de Araújo van den Berg Silva - UERN
Examinadora

Dedico este trabalho à família, a minha em especial, e a todas crianças, inclusive as que tem o direito de nascer negado.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus por tudo.

A minha esposa, minha filha, que mesmo tirando o sono é a maior motivação para acordar todas as manhãs, Deus ensina seu amor por meio da família e é assim assim que venho aprendendo um pouco a cada dia. Agradeço a meus amigos de classe, aos professores, principalmente meu orientador Rodson pelas indicações de livros e correções de curso. Agradeço a UERN e seus profissionais.

“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.”

1 Coríntios 13:13

RESUMO

O presente trabalho discute o crescimento do cristianismo nos primeiros séculos. Questiona a teoria hegemônica que vê no cristianismo uma religião de homens pobres e excluídos. Seguindo os insights do sociólogo e cientista da religião norte-americano Rodney Stark, que apresenta outra interpretação sobre este fenômeno. Trata-se de uma pesquisa teórica e bibliográfica onde foram analisados diversos autores, de diferentes tradições e perspectivas sobre os primeiros séculos do cristianismo como Eusébio de Cesaréia, Tertuliano de Cartago, Christopher Dawson, Paul Johnson, Friedrich Nietzsche, Frederich Engels, Karl Marx, Karl Kautsky e Rosa Luxemburgo. O trabalho defende os elementos de originalidade da religião cristã primitiva, em especial sua relação com as mulheres e os pobres. O cristianismo surge como herdeiro do monoteísmo judaico nas lacunas do paganismo, mesmo nas classes mais privilegiadas, e colhendo os frutos da diáspora do judaísmo com seu apelo a universalidade, uma continuidade do judaísmo aberta aos pagãos. Relaciona a ocorrência de epidemias ao seu crescimento, e o peso dos valores cristãos de amor e caridade que envolvia a solidariedade comunitária e o serviço social, que diminuíram os efeitos de epidemias comuns na época. Em especial o protagonismo que as mulheres tiveram nos primeiros círculos cristãos urbanos. Tudo isto acabou contribuindo para o estabelecimento de novos vínculos e valores sociais entre as pessoas sem os quais seu crescimento e ascensão não são corretamente explicados.

Palavras- chaves: Cristianismo Primitivo, Sociologia da Religião, Mulheres, Rodney Stark.

ABSTRACT

This paper discusses the growth of Christianity in the first centuries. Questions the hegemonic theory that sees in Christianity a religion of the poor and excluded men. Following the insights of the sociologist and religion scientist north american Rodney Stark, who has another interpretation of this phenomenon. This is a theoretical and bibliographical research where several authors were analyzed from different traditions and perspectives on the early centuries of Christianity as Eusebius of Caesarea, Tertullian of Carthage, Christopher Dawson, Paul Johnson, Friedrich Nietzsche, Frederich Engels, Karl Marx, Karl Kautsky and Rosa Luxemburg. The work defends the originality elements of the early Christian religion, especially its relation to women and the poor. Christianity emerges as heir of Jewish monotheism in the gaps paganism, even in the most privileged classes, and reaping the fruits of Diaspora Judaism with its appeal to universality, a continuity of Judaism open to the pagans. Relates the occurrence of epidemics to its growth, and the weight of Christian values of love and charity that involved community solidarity and social services, which decreased the effects of common epidemics at the time. In particular the protagonism that women played in the early rounds urban Christians. All this eventually contributed to the establishment of new links will show and social values among the people without which growth and ascension are not properly explained.

Key-Word: Early Christianity, Sociology of Religion, Women, Rodney Stark.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO E O CRISTIANISMO	12
2.1 A Teoria da Religião e o Cristianismo	12
2.2 O Império Romano	14
3 CLASSE SOCIAL E RELIGIÃO	18
3.1 A Tradição Marxista	18
3.2 A Classe Cristã	19
3.3 Epidemia e Piedade	23
3.4 Urbanização	27
3.5 Martírio	29
4 AS MULHERES NO CRISTIANISMO	34
4.1 O Papel da Mulher na Conversão e seu <i>Status</i> Social	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O cristianismo é uma religião de escravos e pobres? É uma religião machista? Essas e outras questões ganham respostas muito similares quando baseadas no “senso comum”, mas será que elas refletem a realidade? Este trabalho busca acompanhar como este “consenso” foi sendo construído, bem como oferece uma nova perspectiva sobre os fatos.

Seguimos os *insights* oferecidos pelo sociólogo e cientista da religião norte-americano Rodney Stark em seu livro “O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história”. O Livro de Stark questiona um dos maiores “dogmas” da historiografia e sociologia marxista no país. Não é a toa que este livro compõe uma coleção chamada “repensando a religião” da editora Paulinas, talvez por isto o livro não recebeu o devido crédito por parte da academia brasileira.

Uma questão a ser tratada aqui diz respeito à tradução utilizada. A versão brasileira de “*The rise of christianity: a sociologist reconsiders history*” trazida pela editora Paulinas veio como “O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história”, é certo que o trabalho é melhor compreendido na língua original utilizada pelo autor e que “em toda tradução há uma traição”, o fato é que além de existirem muitos termos, como *elevation*, *ascention* e *uplift*, que se aproximam de *rise*, que podem ser traduzidas como elevação, soerguimento e assim por diante, claro que *rise* pode ser traduzido como crescimento, mas não considero a mais apurada, seria apurada se fosse *growth*, mas não é, entendo que seria melhor traduzido como ascensão, pois não se trata somente de “crescer”, “aumentar o número de fiéis”, como também de se “elevar a uma nova posição”, fazer-se notar e até se rebelar contra o *status quo*, além de fazer paralelo com a ascensão de Jesus Cristo. Segue essa lógica para o nome do trabalho, todavia, evidentemente existe uma tradução oficial e dirigir-me-ei ao livro com o termo “crescimento”.

O livro de Stark inova também na metodologia. Acompanhando a taxa de crescimento do cristianismo em seus primeiros séculos, investigando sua estratificação de classes, sua relação com o judaísmo e com o paganismo, em especial a originalidade do trato com as constantes epidemias nas cidades romanas. Stark discute questões sobre a urbanidade e sua influência direta na expansão da

nova religião, em especial na formação de uma rede de conversão de mulheres. Aliás, o papel das mulheres no cristianismo, desde o seu princípio, será um tema central em sua análise.

Outro ponto a ser destacado é a presença de versículos da bíblia neste trabalho, o próprio Rodney Stark utiliza pouco, mas porque essa diferença? É importante notar que a bíblia é utilizada como um recurso neste trabalho, ela significa, no sentido de dar significado, a experiência cristã, pelo menos a princípio. Além do que, as teologias, de maneira geral e neste caso específico a teologia cristã, servem-se de ferramenta para a ciência da religião, assim como a psicologia, a fenomenologia, história, antropologia, a sociologia — também bastante presente no nosso trabalho — entre tantas outras.

O trabalho consiste de um “diálogo” entre a teoria de Stark e a literatura clássica sobre o crescimento do cristianismo desde de Eusébio de Cesaria, que escreveu a “História eclesiástica” no século IV, passando pela releitura marxista de Friedrich Engels e Karl Kautsky no século XIX até os historiadores contemporâneos como Christopher Dawson e Paul Johnson.

Num primeiro momento apresentamos a obra de Rodney Stark e sua teoria sobre o cristianismo. Logo em seguida abordaremos o mundo pagão e o crescimento do cristianismo. Seguimos analisado o papel que as mulheres tiveram no crescimento do cristianismo nos primeiros séculos. As considerações finais fazem uma síntese do trabalho para a compreensão do fenômeno atualmente.

2 A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO E O CRISTIANISMO

Um aspecto que tem chamado a atenção dos estudiosos das religiões é o espantoso crescimento do cristianismo primitivo em um curto espaço de tempo. A religião, surgida na “periferia do império”, rapidamente conquistou influência e prestígio por todo o mundo romano. Como explicar sociologicamente este processo? Teria sido o cristianismo uma “religião de escravos e iletrados” como pensava Engels e Nietzsche? Seria responsável pela “dominação da mulher” como acusam as feministas? O norte-americano Rodney Stark propôs uma teoria original sobre isto. Este capítulo apresentará as bases de sua pesquisa.

2.1 A teoria da religião de Rodney Stark

Rodney William Stark nasceu em 08 de julho de 1934 nos Estados Unidos. Sua família é de origem luterana e ele foi criado nesta tradição, no entanto, afirma não se considerar um fiel embora não seja um anti-religioso. Stark tem se destacado como um dos mais originais sociólogos da religião da atualidade. Sua carreira acadêmica inclui um longo período como professor de religião comparada na Universidade de Washington. Atualmente é Professor de Ciências Sociais da Universidade de Baylor, co-diretor do Instituto de Estudos de Religião, e editor fundador do *Interdisciplinary Journal of Research on Religion*.

Sua obra já inclui mais de 30 livros e centenas de artigos acadêmicos. Sua principal contribuição, no entanto, é a aplicação da “teoria da escolha racional” na sociologia da religião, que ele prefere chamar de “teoria da economia religiosa”. A teoria da escolha racional é um desenvolvimento da teoria da ação de Max Weber (1864-1920). A teoria busca superar o clássico problema entre “indivíduo” e “estrutura”, pois:

Segundo a teoria da escolha racional, sistemas sociais são organizados de maneira que estruturam as alternativas e consequências enfrentadas por indivíduos, de modo a fazer com que eles se comportem racionalmente [...] A teoria da decisão é uma forma da teoria da escolha racional aplicada ao comportamento coletivo e ao processo decisório em organizações [...] Embora a teoria da escolha racional seja desenvolvida, sobretudo em economia, ela

conta com certo número de seguidores em sociologia, especialmente entre os que estudam dinâmica de grupo, redes sociais, e comportamento coletivo. (JONHSON, 1997, p. 234).

Stark acredita que a teoria da ação racional pode elucidar questões centrais no estudo das religiões como a conversão, cismas, o crescimento e o desaparecimento das religiões. Durante o final dos anos 1970 e início de 1980, Stark trabalhou junto com William Sims Bainbridge na elaboração de uma nova teoria da religião. Como consequência desta parceria intelectual surgiram dois livros “O futuro da religião” (1985) e “A teoria da religião” (1987), gerando o que atualmente é conhecida como “Teoria da religião de Stark-Bainbridge”. Essa teoria busca explicar o envolvimento religioso em termos de “recompensas” e “compensadores” e faz uma analogia da escolha religiosa com os princípios econômicos liberais clássicos. A teoria refuta alguns dos pressupostos da “teoria da secularização” que ainda é bastante influente na sociologia da religião.

A tese mais original de Stark é que o cristianismo cresceu porque ele tratava as mulheres melhor do que as religiões pagãs e não o contrário como se defende. Por outro lado, ele também sugeriu que tornar o cristianismo a religião oficial do Império Romano acabou enfraquecendo a fidelidade da comunidade cristã, trazendo para a Igreja pessoas que realmente não acreditavam ou tinham uma crença “fraca” nos valores cristãos. Isto explicaria a mudança de “status” das mulheres nos séculos seguintes e uma tendência ao declínio no fervor de movimentos religiosos após sua aceitação social, o que ele chama de “problema do parasitismo”.

Stark aplicou suas hipóteses sobre o cristianismo em seu livro *The rise of Christianity* de 1996. Ele propôs nesta obra que o cristianismo cresceu através “convenções individuais graduais” através de “redes sociais familiares, amigos e colegas”. Stark inovou ainda na metodologia “quantitativa” para reconstruir um período histórico. Após comparar as evidências documentais sobre a propagação do cristianismo no Império Romano ele encontrou uma forte importância das mulheres. Stark defendeu que eventos “micro” como o casamento de cristãs com pagãos poderiam, num espaço de 200 anos, mudar toda uma sociedade sem a necessidade de uma “conversão em massa” como geralmente tinha sido proposta. Este uso do “crescimento exponencial” como uma forma explicar o crescimento da igreja é hoje

amplamente aceita. Enfim, a teoria de Stark busca entender o que “motivou” a mudança religiosa do mundo pagão para o cristianismo.

2.2 O Império Romano

O império romano tinha uma ampla unidade territorial, mas o cidadão livre não se encontrava, necessariamente envolvido no governo, desenvolvendo sua esfera privada e então “a filosofia começou a dirigir-se, cada vez mais, para a conduta íntima. Destarte, sob o impulso do gênio grego, teve início para a era da religião pessoal” (JOHNSON, 2001, p.16). Anteriormente, a religiosidade era mais relacionada à conformidade tribal, racial ou estatal.

“O mundo encontrava-se intelectualmente pronto para o cristianismo [...] é improvável que o mundo helênico fosse capaz de gerar tal sistema com seus próprios recursos [...]. Uma nova forma de comunidade religiosa surgia, pela primeira vez, na história: não uma nação celebrando seu culto patriótico, mas um grupo voluntário, em que distinções sociais, raciais e nacionais eram transcendidas: homens e mulheres reunidos apenas como indivíduos, perante seu deus.” (JOHNSON, 2001, p.16, 17)

Neste momento histórico nasce o cristianismo, uma religião nascida na periferia do império romano. Encontramos na bíblia, mais precisamente em atos dos apóstolos, podemos observar indícios do crescimento cristão, vejamos: “E, naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos discípulos (ora a multidão era de quase cento e vinte pessoas), disse:” (At 1:15); “Muitos, porém, dos que ouviram a palavra creram, e chegou o número desses homens a quase cinco mil.” (At 4:4); “E, ouvindo-os eles, glorificaram ao senhor e disseram-lhe: Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus há que creem, e todos são zelosos da lei.” (At 20: 21). Longe de representar um senso moderno, esses números crescentes que os Atos dos Apóstolos apresentam, buscam demonstrar o rápido crescimento do cristianismo.

Já no primeiro capítulo de nosso livro base, Rodney Stark, com base em diversos dados, pôde afirmar que a taxa de crescimento girava em torno de 40% por década, admitindo-se a estimativa de uma população de 60 milhões (em Roma, como império) e suas porcentagens seriam 0,0017% no ano 40, 0,0126% no ano 100, 0,36% no ano 200, 10,5% no ano 300 e 56,5% em 350.

O autor demonstra o crescimento do cristianismo lembrando que Orígenes afirmou que o cristianismo era somente uma “pequena parcela” da população e que, no final do século III. Constantino achou conveniente aderir à igreja devido aos numerosos seguidores. Isto não reflete toda a realidade, pois, se a taxa de crescimento se manteve uma constante no início, pode-se supor que a conversão de Constantino não a impulsionou mas foi uma resposta à mesma, posto que a perseguição aos cristãos infligida por Diocleciano em 303 e Gálerio em 305, anteriores a Constantino, não resultaram.

Stark destaca também os fatores geográficos no crescimento do número de adeptos, maior nas cidades que nas áreas rurais, o que valeu a alcunha de pagão (*paganus* ou “camponês”) aos não cristãos (BOAK 1955a; HARNACK 1908; MEEKS 1983), algo semelhante ao que aconteceu com a palavra “vilão”, aquele que morava na vila, na idade média. Neste último caso, uma associação indevida com o termo *vil* feita pela nobreza feudal.

Muito embora o que se tenha dito até agora sejam estimativas e não fatos registrados, o autor de “O crescimento do cristianismo” acredita que a realidade tenha sido ainda mais densa, além das perseguições sofridas pelos cristãos nas mãos de imperadores romanos já citados, muitos dos cristãos praticavam sua religiosidade em segredo. Ademais, depois da morte de Tiago e subsequente destruição de Jerusalém, a comunidade cristã da Palestina parece ter-se extinguido (FRIEND 1965, 1984), o que nos faz supor que o crescimento tenha sido ainda maior.

Até o início dos anos 60 a explicação científica social mais aceita no contexto religioso envolvia o binômio privação e apelo ideológico (Glock 1964). Como a sabedoria cristã e muitos dos milagres giravam em torno da cura de doenças, poderíamos prever a desproporção no número de convertidos, onde a maioria absoluta dos convertidos deveria ser de pessoas com problemas crônicos ou hipocondríacos. Ainda na década de 1960, Rodney Stark se envolveu em uma pesquisa sobre conversão, estudou um grupo de moonies (referência ao fundador, Sun Myung Moon ou Reverendo Moon) da Igreja da Unificação. Após a análise dos convertidos em solo americano concluiu que

“de todas as pessoas com as quais os seguidores da seita haviam entrado em contato, na tentativa de disseminar a própria fé, as únicas que se congregaram foram aquelas cujos vínculos interpessoais sobrepujaram seus próprios vínculos com os não membros. Com efeito, a conversão não tem a ver com a busca de uma ideologia ou adesão a ela, mas a adequação do próprio comportamento religioso com o de amigos e membros da família.” (STARK 2006, p.26)

Já sobre os mórmons afirmou:

Dados baseados em registros mantidos pelo líder de uma missão mórmon propiciam sólido fundamento para essa proposição. Quando missionários fazem uma visita fria ou batem a porta de estranhos, essa abordagem produz uma conversão a cada mil visitas. Quando, em vez disso, estabelecem o primeiro contato com alguém na casa de um amigo mórmon ou de um parente dessa pessoa, tal abordagem resulta em conversão em 50% dos casos (STARK e BAINDRIGE 1985 apud STARK 2006, p.28)

Um aspecto importante é a relação entre família e religião na antiguidade. Segundo Stark “Os novos movimentos religiosos arregimentam seus prosélitos, sobretudo entre setores religiosamente inativos e descontentes, e entre membros de comunidades religiosas mais acomodadas” (STARK 2006, p.26), é evidente que estas “redes sociais” de antigamente não podem ser comparadas em sua integralidade com o que se observa atualmente, hoje as famílias são nucleares e na antiguidade existia o conceito de famílias aristocráticas que estendiam seus ramos mais distantes, além de escravos domésticos e afins.

Stark toca nesse ponto quando discorre sobre outro autor, Ronald F. Hock (1986), dito de outra maneira, Hook acreditava que, pelo fato das famílias da antiguidade serem mais extensas, de maneira geral, a influência da mesma agiria sobre um maior número de pessoas na comparação entre as primeiras comunidades cristãs e os mórmons. Hoje a realidade é outra, as redes sociais tornaram-se uma grande febre, podemos destacar o *Face Book*, onde podemos nos conectar e influenciar, quando pouco, uma centena de pessoas.

Uma comunidade religiosa bem sucedida deve manter-se aberta e receptiva, muitos dos conversos falam de sua conversão de maneira ideológica, como uma busca pela fé, mesmo que assim seja, é o contato interpessoal que leva a conversão. Não é de se admirar que os cristãos usem um pronome de tratamento tão familiar, por assim dizer, uns para com os outros, chamam-se irmãos.

3 Classe social e religião

É muito comum que historiadores, sociólogos, entre outros estudiosos, identifiquem o cristianismo como uma “religião dos despossuídos”, “escravos” e afins. Ademais, muitos dos proponentes desta afirmação costumam, não é de se admirar, embeber esta primeira informação com suas posições e/ou pontos de vista, que em alguns casos me atrevo a chamar de convenientes. Vejamos por exemplo, o que propôs Friedrich Engels:

Originalmente foi um movimento de povos oprimidos: em um primeiro momento, apareceu como religião dos escravos (livres) e dos escravos emancipados, de indivíduos destituídos de todos os direitos, de povos subjugados por Roma ou dispersos por seu território (MARX E ENGELS 1967, p.316 apud STARK 2006, p.41)

Segundo Stark, os sociólogos em geral atribuem essa visão a Ernst Troeltsch (1865-1931), para este, todos os movimentos religiosos são obra dos “estratos mais baixos”, já os marxistas destacam Karl Kautsky (1854-1938) que desenvolveu, com base nas concepções de Engels já citadas. Karl Kautsky foi responsável por uma influente escola de interpretação marxista que teve em Rosa Luxemburgo e na atual “teologia da libertação” seus melhores representantes. A tese é que o cristianismo seria um “protótipo” do comunismo.

3.1 A tradição marxista

Rosa Luxemburgo (1871-1919) em seu livro “O socialismo e as igrejas: o comunismo dos primeiros cristãos”, escrito em 1905, no calor da Revolução Russa, aponta os aspectos fundamentais da leitura marxista da história do cristianismo: seu caráter “proletário e revolucionário” original e sua “perversão pelo clero”. Rosa Luxemburgo amplia a análise de F. Engels, que já chamara a atenção para o caráter “revolucionário da religião” em sua análise da luta camponesa na Alemanha durante a reforma entre a “igreja oficial” (Lutero) e a “igreja popular” (Thomas Münzer).

Em 1908, Kautsky, então o mais importante intelectual marxista, lança seu livro *Der Ursprung des Christentums* – “A Origem do Cristianismo”. O livro se divide em três grandes capítulos: I) a sociedade na época do Império romano: a economia escravagista, as formas absolutistas do Estado, as diversas manifestações da crise cultural e religiosa. II) o Judaísmo: os conflitos de classe da sociedade israelita e as várias correntes político-religiosas (saduceus, fariseus, zelotas, essênios). III) Os inícios do cristianismo: as comunidades cristãs primitivas, a ideia messiânica cristã, o comunismo cristão.

O objetivo da obra era contribuir com a revolução “destruindo a mitologia cristã da história” e a substituindo pelo “relato materialista da religião e da luta de classes”. Kautsky procura reconstruir, segundo os cânones do marxismo, quais teriam sido as condições econômicas e sociais tanto do Império Romano quanto da Palestina no início da Igreja Cristã.

Jesus é visto como uma espécie de zelote e os cristãos como revolucionários. Coerente com seus objetivos, Kautsky procura interpretar o crescimento do cristianismo como o processo de conversão dos “setores do proletariado romano” ao cristianismo. Kautsky emprega o termo “proletariado”, em seu sentido etimológico, “os que tem muitos filhos” ou seja os “pobres, excluídos e miseráveis”, para designar parte da população do Império Romano de baixo poder aquisitivo e livre de imposto. Foi este “elemento proletário” que explicou o crescimento do cristianismo.

A “tradição marxista” continuou entre cientistas sociais, historiadores e mesmo teólogos como foi o caso de Gustav Adolf Deissmann (1866-1937) Deissmann era professor de teologia Heidenberg e Berlim. Em 1904 ele fundou, junto com Albrecht Dieterich, um círculo de eruditos chamado “Eranos” dos quais eram membros Ernst Troeltsch (1865-1922) e Max Weber (1864-1920)

3.2 A Classe Cristã

Stark cogita que E. A. Judge tenha sido o “primeiro entre os principais” estudiosos da atual geração a levantar uma bandeira contrária ao movimento dominante de até então. Judge é um historiador que tem se dedicado a compreender as causas do crescimento do cristianismo em Roma. Seus inúmeros livros (Aspectos

sociais dos grupos cristãos do primeiro século, 1960; Conversão de Roma: fontes antigas de tensões sociais modernas, 1980; O status no mundo dos Caesares, 1982; Distinções sociais dos cristãos no primeiro século; 2008; Os primeiros cristãos no mundo romano, 2008) oferecem novas perspectivas sobre o fenômeno. Segundo ele,

“longe de constituir um grupo socialmente subjugado [...], os cristãos eram dominados por um setor socialmente pretensioso da população das grandes cidades. Além disso, pareciam provir de ampla freguesia, provavelmente representando os dependentes dos chefes de famílias dos membros líderes.” (JUDGE, 1960, p 52 apud STARK 2006, p.42)

E. A. Judge ainda conclui:

Mas os membros dependentes dos chefes de família da cidade não constituíam de modo algum o segmento mais baixo da sociedade. Se faltava liberdade, ainda usufruíam de segurança e de modesta prosperidade. O campesinato e os escravizados da terra eram as classes mais desprivilegiadas. Em larga medida, o cristianismo os deixou intocados (JUDGE 1960, p.60 apud STARK 2006, p.42)

Analisemos o que está escrito na Primeira Carta aos Coríntios, capítulo um, versículo vinte e seis: “Porque vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados”. Qualquer leitor pode notar que “não são muitos” não quer dizer “não existe nenhum”, observemos o caso da igreja de Corinto, onde podia-se encontrar Erasto “administrador da cidade” (FURNISH 1988, p.20 apud STARK 2006, p.43). Stroggs (1980 apud STARK 2006, p.43) declarou que, falando dos cristãos, baseava-se na classe média e alta, já Abraham J. Malherb (1977, p.29-59 apud Stark 2006, p.43) analisou o estilo de escrita e a linguagem dos escritores da igreja primitiva, concluindo que se dirigiam a um público letrado.

Vejam os que Christopher Dawson escreveu em “A Formação da Cristandade”:

Acima de tudo, a influência do cristianismo apareceu na proteção dos fracos num período de sofrimento universal e miséria. Desde os primórdios, a igreja

exercera a caridade do modo mais pródigo, e quando, finalmente, teve o poder e a influência dos ricos, a dimensão das esmolas cristãs se tornou tão grande a ponto de causar uma verdadeira mudança econômica na distribuição da propriedade. (DAWSON 2002, p. 218)

Encontramos muitas pessoas de classes mais baixas pelo simples fato de a maioria das pessoas pertencerem a essas classes, o que contradiz interpretes de cunho marxista, ou congêneres, que querem fazer pensar que só existiam proletariados entre os cristãos.

Entre os sociólogos é muito comum admitir-se a associação entre pobreza e maior religiosidade, segundo Stark isso acontece pois “de Marx a Freud, consideram a religião uma compensação para desejos não satisfeitos...ou uma ilusão neurótica” (STARK 2006, p.47). No que diz respeito à conversão, Stark apontou que novas religiões crescem nas lacunas de antigas religiões, lacunas essas percebidas primeiramente por pessoas intelectualmente mais privilegiadas e, por tanto, provavelmente de classes superiores, acabando por citar movimentos modernos como o mormonismo, a ciência cristã e o espiritismo, onde os conversos costumam ser mais abastados e/ou frequentar cursos superiores, estes também costumam abraçar uma religiosidade ou práticas religiosas orientais/transcendentais, como a meditação, ioga, etc.

Posto que falamos em novas religiões, é bom que neste momento venhamos a tocar nas definições de “seita” e “igreja” encontradas no livro base, primeiramente definida pelo nível de tensão existente entre a instituição e a comunidade em que esta instalada, um conceito deveras circular, melhor explicado da seguinte forma: em um determinado meio há tensão com um grupo religioso e, por tanto, recebe a denominação de seita, mas o fato é que no momento em que um movimento religioso recebe tal alcunha aumentará a tensão com o meio social em que está inserida.

Posteriormente, podemos obter outra conceituação, ou complementação, do termo seita, estas

“ocorrem em razão de cisma no interior de um corpo religioso convencional, quando os indivíduos que desejam uma versão mais espiritual da fé se apartam para “restaurar” a religião em um nível mais elevado de tensão com o ambiente circundante.” (STARK 2006, p.45).

Neste caso, a definição é utilizada comumente para com subdivisões de determinadas igrejas cristãs, que buscam o reavivamento de sua fé e acabam por se separar, criando novas denominações. Este termo também é usado como escola ou corrente filosófica, sendo empregada neste sentido por vários escritores latinos, ou até mesmo, para falar sobre um grupo de pessoas que defendem com fanatismo ou intolerância uma crença qualquer (ABBAGNANO, 2007).

Como podemos notar, o cristianismo pode ser designado como sendo uma “seita” do judaísmo, pois, por muito tempo existiu uma tensão entre ele e a comunidade circundante e em um dado momento houve um cisma com o judaísmo. No centro desta ruptura está Paulo de Tarso.

Paulo de Tarso realmente foi importante para o cristianismo, auto-intitulando-se “apóstolo dos gentios”, espalhou a mensagem cristã no mundo pagão e fazendo do cristianismo, de uma religião marginal a centro do debate imperial em poucos anos. Ao tocar no tema da marginalidade dentro da sociologia, Stark acaba caracterizando a condição enfrentada por muitos judeus em diversas épocas, quando inseridos em outros meios:

As pessoas são marginalizadas quando sua filiação a dois grupos cria uma contradição ou uma pressão mútua tal que se verifica um rebaixamento de status em cada grupo, em razão da pertença ao outro. O conceito adquire força quando inserido em uma proposição: as pessoas procurarão escapar de uma situação de marginalidade ou resolvê-la. (STARK, 2006, p.66)

Dito isto, muitos judeus tentam equalizar sua marginalização na conversão para o cristianismo ou tornando-se um tipo de “judeu diferente”, tentando estabelecer uma religião não tribal, não étnica e de caráter ético e não tanto em costumes e práticas (BLAU 1964; STEIMBERG 1965 apud STARK 2006). Sobre a tentativa de equalizar essa condição judaica Dawson argumenta que

“foi o cristianismo [...] e não o judaísmo que colheu a safra desses primeiros esforços missionários feitos pelas comunidades judaicas das cidades helenísticas. Ademais, após a revolta de 66 a 70 A.D. que resultou na destruição de Jerusalém, e as duas revoltas subsequentes de 115-117 e 132-135, a comunidade judaica da Palestina, aos poucos, definiu o modelo também para as comunidades da diáspora, e tal modelo não era um apostolado missionário, mas de uma revelação cuidadosa da lei e a elaboração de comentários a partir dos preceitos, um crescimento que cada

vez mais isolava os judeus do contato com o mundo dos gentios, muito embora isso possa ter contribuído para fortalecer os laços das comunidades judaicas em face da desintegração ou dissolução” (DAWSON, 2014, p. 176)

Com isso em mente, podemos notar que o cristianismo se apresentou como uma continuidade do judaísmo, além de ser aberto aos pagãos, algo que pode ser confortável para os judeus helenizados. Meyer acrescenta:

Escavações em Cafarnaum (às margens do mar da Galileia) que revelam “uma sinagoga judaica e uma igreja doméstica judaico-cristã em lados opostos da rua... Segundo as camadas das estruturas, ambas as comunidades aparentemente viveram em harmonia até o século VII da era Cristã”. (1988, p.76 apud STARK 2006, p.82)

E, contrariando o pensamento comum de que a missão junto aos judeus teria fracassado, constatamos que judeus e cristãos (judaísmo e judeu-cristianismo) permaneceram muito próximos por bastante tempo. Foi somente após o fracasso das revoltas judaicas e da destruição de Jerusalém em 70 d.C que as duas religiões passaram a tomar realmente caminhos opostos. Stark argumenta ainda que um fato externo acabou servindo como marco simbólico da mudança de percepção que os romanos tinham dos cristãos: as epidemias.

3.3 Epidemia e Piedade

Temos agora a plena consciência de organismo microscópios em nosso meio e qualquer criança introduzida na disciplina de ciências sabe que muitas destas podem causar doenças, não podemos dizer o mesmo da época tratada aqui, muitas das doenças poderiam ser “impostas” como castigo aos homens e, no círculo greco-romano, os deuses poderiam simplesmente estar se divertindo com a condição humana.

É bastante incomum a ocorrência de epidemias serem relacionadas a estudos quanto ao crescimento do cristianismo e sua influência no mesmo, Rodney Stark acredita que essa omissão deveras perturba o entendimento da expansão cristã. Já nos primeiros séculos de sua era, diversas epidemias se espalharam em Roma e

parte de seu império, estudiosos acreditam que uma delas foi à primeira manifestação da varíola no ocidente (ZINSSER, 1960 apud STARK, 2006, p.87), matando cerca de um terço ou um quarto da população do império em quinze anos, inclusive Marco Aurélio no ano de 180 DC ou EC (depois de Cristo ou era comum), depois sarampo, que tem taxa de mortalidade elevada quando atingem populações nunca antes expostas.

“Numa época em que a morte era a única certeza, a esperança na imortalidade significou muito mais que qualquer privilégio político, e a irmandade de uma grande comunidade, que oferecia auxílio nos sofrimentos temporais e esperança na glória eterna, era infinitamente mais valiosa que a cidadania secular que submetia o cidadão a obrigações de serviço público e ao peso esmagador da responsabilidade fiscal corporativa”. (Dawson, 2014, p. 216)

Sem essas epidemias Stark acredita que talvez o cristianismo não fosse uma religião dominante, neste trabalho não se disporá a cogitar possibilidades, mas é fato que o cristianismo poderia oferecer respostas a uma população que sofre e busca esperança, coisa que muitas vezes filosofias helenistas e deuses pagãos não conseguiriam oferecer. Um segundo ponto colocado aqui nas próprias palavras do autor:

Desde o início, os valores cristãos de amor e da caridade haviam sido em normas de serviço social e de solidariedade comunitária. Quando as catástrofes se desencadearam, os cristãos estavam em melhores condições para enfrentá-las, o que resultou em taxas substancialmente mais altas de sobrevivências (STARK, 2006, p.88)

O autor ainda acredita que muitos dos pagãos teriam perdido vínculos, evidentemente com as mortes, e fizessem novos com cristãos. Vejamos o que Cipriano, Bispo de Cartago, escreveu no ano de 251:

Os justos estão morrendo com os injustos, não se deve pensar que a destruição seja comum tanto para o mau como para o bom. Os justos são chamados ao refrigério, os injustos são transportados ao suplício; a proteção é concedida mais rapidamente ao fiel; a punição ao incréu [...]. Quão conveniente, quão necessário é que essa peste e pestilência, que parece

horrível e fatal, perscrute a justiça de cada um e de todos e sonde os desígnios do gênero humano; se o são cuida do doente, se os pais diligentemente amam os seus como deveriam, se os senhores demonstram compaixão por seus escravos enfermos, se os médicos não abandonam os aflitos [...]. Mesmo que não tivesse contribuído para nada mais, essa mortalidade tem sido de especial valia para os cristãos e servos de Deus, uma vez que começamos alegremente a buscar o martírio enquanto aprendemos a não temer a morte. São dolorosos exercícios para nós, não mortes; dão a mente a glória da firmeza; pelo descaso para com a morte, preparam para a coroa [...]. Nossos irmãos que se libertaram do mundo pelo chamado do senhor não devem ser pranteados, pois sabemos que não estão perdidos, mas foram mandados a sua presença que, ao partirem, abriram o caminho; que, como viajantes, como peregrinos, que nos habituamos a ser, devem ser festejados, e não lamentados [...]; e que não se deve dar oportunidade para que os pagãos nos censurem, merecida e justamente, por afligir-nos por aqueles que dizemos estar morrendo (mortality 1958, p.15-20 Apud Stark 2006, p.95)

O que Cipriano escreveu pode causar até mesmo espanto, mas um cristão que vê a recompensa imediata após seu “martírio” não deveria pensar diferente; muitos dos cristãos perdiam a vida cuidando de outros e permaneciam junto dos seus queridos enquanto os pagãos abandonavam os enfermos e os corpos, como vemos o que escreveu o bispo Dionísio para seus membros em Alexandria:

Os idolatras comportavam-se de maneira oposta (aos cristãos). Ao primeiro assalto da doença, abandonaram os sofredores e afastaram-se de seus entes mais queridos, jogando-os nas estradas antes que morressem e tratando seus cadáveres insepultos como detrito, esperando assim evitar o contágio da doença fatal; mas, façam o que façam, parece-lhes difícil escapar. (grifo nosso, Stark 2006, p.96-97)

Podemos ver que o comportamento de cristãos e pagãos em relação aos enfermos diferia bastante, isso é compreensível, o medo do desconhecido era evidente, além do mais, os pagãos não tinham uma obrigação religiosa de ajudar os que padeciam, diferentemente dos cristãos:

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que este (Mc 12: 30-31)

Estes versículos são comumente referenciados como “resumo da lei de Deus”, o aspecto positivo do mesmo denota não só a obrigação de amar os outros, mas ver a si mesmo neles. É a piedade cristã, que pode ser traduzida como compaixão, Aristóteles a definiu como “a dor causada pela visão de algum mal destrutivo ou penoso que atinge alguém que não mereça e pode vir a atingir-nos ou alguém que nos é caro” (2005, II, 8, p.184). Longe de relacionar Aristóteles com o cristianismo, este foi utilizado aqui somente para termos uma definição não cristã, obviamente, mas utilizemos agora um autor que pode traduzir o pensamento pagão em relação à compaixão:

Esse instinto depressivo e contagioso debilita os outros instintos que querem conservar e aumentar o valor da vida; é uma espécie de multiplicador e conservador de todas as misérias, por isso um dos instrumentos principais da decadência do homem (Nietzsche 2002, p.15)

Toda a obra de Nietzsche pode ser lida como um protesto a “moral cristã” e uma busca pela volta do “paganismo” na cultura. Não é coincidência que seu livro receba o nome de “O Anticristo”. Nietzsche, filho de pastores luteranos conhecia teologia e literatura antiga o suficiente para saber o que realmente tinha significado a “nova moral” cristã. Como afirma Judge:

A piedade constituía defeito de caráter indigno do sábio e perdoável apenas naqueles que ainda não cresceram. Era uma reação impulsiva baseada na ignorância. Platão afastara o problema dos mendigos de seu Estado ideal expulsando-os de suas fronteiras (Judge 1986, p.107 apud Stark2006, p.237)

Nietzsche estava certo em sua negação pagã da moral cristã. Com exceção dos filósofos ninguém levava a sério o sofrimento dos pobres, fracos e indigentes.

Não havia lugar para eles na religião antiga. A compaixão só era tolerada entre iguais. Fora disto seria uma “fraqueza”, para sentir a novidade basta pensar nos efeitos desse trecho da Bíblia como se fosse à primeira vez:

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede e deste-me de beber; era estrangeiro, e hospedaste-me; estava nu, e vestiste-me; adoeci, e visitaste-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? Ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (grifo nosso, Mt 25, 35-40)

Para um pagão que não crê em vida após a morte, o esforço de ajudar é maior do que para um cristão. Nem cristãos, nem pagãos, sabiam como lidar com a crise, mas, os primeiros poderiam oferecer água, alimento e conforto, aumentando as chances de sobrevivência.

3.4 Urbanização

Também está no imaginário popular a crença de que as religiões são mais fortes em meio rural, se para forte querem dizer tradicionais, então o senso comum ganhou pontos, mas, e nas cidades?

“Em sua bem conhecida teoria subcultural do urbanismo, Claude S. Fischer formula esta proposição: ‘quanto mais urbana a região, mais altas as taxas de informalidade’ (1975, p.1328). A tese de Fischer é de que, quanto maior a população, em números absolutos, mais fácil é reunir um ‘massa crítica’ necessária para formar uma subcultura desviante. Aqui, especificamente, ele inclui os movimentos religiosos desviantes. Durante o período em questão, o cristianismo, obviamente, qualificava-se como movimento religioso desviante, tento em vista que era claramente uma variância com normas predominantes. Desse modo, a teoria fischeriana do urbanismo prevê que quanto maior fosse a cidade, mais facilmente os cristãos teriam reunido massa crítica necessária

para formar uma igreja em pouco tempo” (Stark 2006, p.151)

Nada mais natural que a capital do império romano, a própria Roma, tornasse o centro do cristianismo em seu tempo, acompanhado por outras grandes cidades, onde floresceram muitas comunidades cristãs.

Stark (2006) constata que o cristianismo se expandiu mais onde havia sinagogas, onde é conhecido que cristãos disseminavam a palavra, até um dado momento (ruptura), mesmo Paulo. Constatou também que onde havia uma maior presença do gnosticismo, o cristianismo era mais presente e, ao contrário do que vemos hoje, o gnosticismo não era considerado uma heresia cristã, mas sim uma heresia judaica, ora, até mesmo o cristianismo era, em princípio, o judeu-cristianismo.

Max Weber entendia que era improvável que o cristianismo “pudesse ter-se desenvolvido como se desenvolveu fora de um contexto urbano” (1961, p.1140 apud Stark 2006, p.165). como vimos a pouco, o urbanismo favorece a informalidade na religião, o cristianismo e suas redes sociais se aproveitavam bastante deste aspecto. Mesmo todo o caos de grandes cidades da época pode ter contribuído para o crescimento do cristianismo, para demonstra-lo, Rodney Stark utiliza a cidade de Antioquia.

Estudiosos acreditam que o evangelho de Matheus tenha sido escrito em Antioquia, que era a maior cidade do império romano naquela época. Além de ter sido extremamente receptiva ao movimento cristão, que manteve grande comunidade neste local. Nascida como uma fortificação (Levick 1967 apud Stark 2006, p.167), o que tornou difícil sua expansão. Porém, sua densidade populacional era de 75 mil habitantes por milha; para efeito de comparação, Manhattan tem 100 mil habitantes por milha e é bem verticalizada, Roma, no entanto, proibia construções com mais de 20 metros. As pessoas viviam apinhadas e muitas famílias inteiras moravam em apenas um cômodo onde também se cozinhava a lenha, piorando ainda mais a condição de vida e aumentando o temor pelos incêndios. Havia banhos públicos e também latrinas públicas ao lado destas, mas, podemos supor que nem sempre havia uma latrina por perto quando a natureza chamava, nas casas havia urinóis que depois eram esvaziados em vias públicas. Animais nas ruas,

moscas e insetos em geral, falta de higiene e presença de doenças relacionadas à sua falta; a situação pode denotar a importância da cura que o cristianismo prometia. A diversidade étnica era alta e o constante influxo de forasteiros somados minava a integração social, que desembocavam em distúrbios e desordem. Muitos incêndios, terremotos, pestes, crises de desabastecimentos de gêneros alimentícios, além de ter sido sitiada várias vezes e até mesmo tomada por forças bizantinas e, posteriormente pelos cruzados. Para pessoas nessas circunstâncias, não era de se admirar que abraçassem a ideia de um “fim dos tempos” iminente, libertação, cura e salvação.

3.5 O Martírio

Sobre a questão do martírio é interessante trazer ao conhecimento as palavras de Christopher Dawson que diz:

Não é de surpreender que a ideia do martírio seja o tema dominante da literatura e do pensamento dos antigos cristãos ao longo de todo o período do Novo Testamento até Eusébio de Cesareia (265-339). Na primeira era da igreja, o ideal de santidade estava corporificado na figura do mártir — o homem que “testemunhava” com o próprio sangue a fé cristã. (2014, p. 185)

Com isso em mente, e utilizando bastante o admirável Eusébio, questionaremos a possibilidade do martírio ser uma ato racional ou de racionalização, mas, antes de discorrermos sobre essas questões atentemo-nos para o que disse Eusébio, no livro *The Martyrs of Palestine* (Os mártires da Palestina), no capítulo 1:

Alguns foram açoitados com inúmeros golpes de chicote, outros supliciados em seus membros, fustigados nos costados com instrumentos de tortura, alguns com insuportáveis grilhões, pelas quais suas juntas eram deslocadas. Apesar disso, suportaram todo esse transe (1850, apud Stark 2006, p.183)

Depois de aventar as práticas de torturas utilizadas naquele tempo, muda o seu foco para um determinado homem, Romanus, que viria a ser martirizado, no segundo capítulo descreve:

Quando o juiz informou de que iria morrer consumido pelas chamas, com semblante alegre e ânimo ardoroso Romanus recebeu a sentença e foi levado embora. Amarraram-no então à estaca, e quando a lenha foi empilhada em torno dele e estavam ateando fogo à pilha, aguardando apenas a palavra do esperado imperador, ele exclamou: “Cadê o fogo?”. Dizendo isso, foi intimado novamente à presença do imperador, para ser submetido a novas torturas, e por esse motivo teve a língua cortada, o que suportou com suprema firmeza, como demonstrou em todas as suas ações, revelando também que o poder de Deus está sempre presente para auxílio daqueles que são obrigados a suportar qualquer privação a bem da religião, para mitigar seus afazeres e fortalecer seu ânimo (1850, apud Stark 2006, p.183)

Eusébio via a perseverança cristã como sinal de sua virtude e os pagãos ficavam impressionados com tais fatos, a certeza dos mártires contribuiu para muitas conversões.

Vários autores chegam a afirmar que toda a resistência ao martírio evidenciava aspectos de masoquismo, o que levava a um prazer sexual, segundo estes. Outro ponto muito comum entre os cientistas sociais, que se utilizam do argumento de irracionalidade, um temor infundado, não só pela atitude extrema do martírio, mas também para a oração, preceitos morais, tempo e recursos dedicados, etc. Tem por objetivo desacreditar as religiões ao invés de tentar compreendê-lá, o que eles estão realmente fazendo é reduzir o fenômeno religioso e, em lugar de aumentar seu leque de conhecimentos, somente reforçam sua decisão de deturpar.

Parece-me mais do que evidente que a religião oferece recompensas, não discutiremos aqui toda sorte de religiões e suas verdades intrínsecas, mas a promessa de paz e vida eterna, por exemplo, tende a ser uma recompensa bastante almejável para um cristão que se sacrifica, sucedâneo para as coisas mundanas, além de promessas indescritíveis: No entanto, como está escrito: “Olho algum jamais viu, ouvido algum nunca ouviu e mente nenhuma imaginou o que Deus predispôs para aqueles que o amam” (1Co 2:9).

Como vimos no tópico anteriormente, para pessoas que vivem naquelas condições a adesão ao cristianismo é uma “escolha fácil”, além dos pontos já mostrados, a religião praticada de forma social recebe muito reforço,

comprovadamente muito mais reforços do que uma prática singular. O testemunho pode ser um fator muito importante para a conversão, principalmente se de fonte fidedigna, como conhecidos, familiares e pessoas importantes, Stark chega a admitir que quanto menos ganho material, maior o valor do testemunho, “objetivamente falando, sacerdotes ricos nunca se equiparam a pregadores laicos e anacoretas empobrecidos na disputa por credibilidade” (2006, p.193), ainda mais quando se tem muito a perder, como é o caso dos mártires. Voltemos a Eusébio mais um vez, em História Eclesiástica, que reafirma o valor do Martírio:

E o que é mais extraordinário: que aqueles que a Ele estamos consagrados não somente o honramos com voz e com palavras, mas também com a plena disposição da alma a ponto de estimar mais o martírio por Ele do que nossa própria vida” (2002, livro I p. 25)

Entretanto, existe um grande problema que pode minar um movimento religioso, são os “aproveitadores”, pessoas que usam um grupo para terem vantagens sem serem participativos, estão presentes para as ceias, ações sociais, mas nunca realmente fazem nada, esses agentes podem diminuir o impacto de um movimento como um todo, pois os mesmos ganhos tem que ser divididos por mais pessoas, em linguagem cristã são pessoas mornas. No livro de apocalipse há uma repreensão a essas pessoas na igreja de Laodiceia, não comentaremos quanto ao caráter profético ou temporal do mesmo, vejamos: Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei de minha boca (Ap 3:16).

O fato é que “sacrifício e estigma mitigam os problemas de exploração enfrentados pelos grupos religiosos” (Stark 2006, p.196). Então a igreja primitiva sofreu bem menos que outros movimentos quanto a esse aspecto, quem era cristão, o era de fato. O martírio, por exemplo, provava a convicção do fiel, era público, e o martirizado era visto como muito importante, de maneira que o mesmo é adulado por outros cristãos, recebendo alimento, roupa, visitas e apoio, muitos até ansiavam pelo martírio; para os que não abjurassem e resistissem até o fim, a vida eterna estava assegurada e suas palavras e ações refletiriam na comunidade cristã, não é a toa que é sabido o nome de inúmeros mártires. Sobre essa ânsia de dar testemunho, visto que é isso que martírio significa, falaremos sobre Policarpo, discípulo dos apóstolos:

Ao ser conduzido através da Ásia, sob a vigilância cuidadosa dos Guardiães, dava animo com suas falas e exortações às igrejas de cada cidade onde fazia parada. Primeiramente exortava-os a que sobretudo se guardassem das heresias, que precisamente então começavam a pulular, e estimulava-os a segurar-se solidamente à tradição dos apóstolos, que, por estar ele já a ponto de sofrer o martírio, achava necessário pôr por escrito para fins de segurança [...] Além destas, escreveu também a igreja de Roma uma carta em que expõe sua súplica para que não intercedam por ele, para não privá-lo do martírio, sua sonhada esperança. Em apoio ao que dissemos, será bom citar algumas passagens das citadas cartas, ainda que brevíssimas: “[...] Perdoai-me. Eu sei o que me convém. Agora estou começando a ser discípulo. Que nenhuma coisa visível ou invisível tenha ciúme de que eu alcance a Jesus Cristo. Fogo, cruz e manadas de feras, dispersão de ossos, destroçamento de membros, trituração do corpo todo e tormentos do diabo venham sobre mim, contanto somente que eu alcance a Jesus Cristo.” (Eusébio 2002, Livro III, p. 108)

Destacamos aqui o grande período de perseguição sofrido por cristãos nos tempos de Nero, nos transmitidos mais uma vez por Eusébio, que inclusive cita Tertuliano:

Firmado Nero no poder, deu-se a práticas ímpias e tomou as armas contra a própria religião do Deus do universo. Descrever de que maldades foi capaz este homem não é tarefa para a presente obra. Já que sendo muitos os que transmitiram em relatos precisos suas maldades, quem queira poderá aprender destes sobre a grosseira demência deste homem estranho que, levado por ela e sem a menor reflexão, produziu a morte de inúmeras pessoas e a tal ponto levou seu afã homicida que não se deteve nem mesmo ante os mais chegados e queridos, mas que até sua mãe, seus irmãos, sua esposa e com eles muitos familiares, fez perecer com variadas formas de morte, como se fossem adversários e inimigos. mas deve-se saber que a tudo que foi dito sobre ele faltava acrescentar que foi o primeiro imperador que se mostrou inimigo da piedade para com Deus. Disto faz menção também o latino Tertuliano quando diz: “Leiam vossas memórias. Nelas encontrareis que Nero foi o primeiro a perseguir esta doutrina, primeiramente quando, depois de submeter todo o Oriente, em Roma era cruel para com todos. Nós nos ufanamos de ter um assim como autor de nosso castigo, porque quem o conhecer compreenderá que Nero não podia condenar nada que não fosse um grande bem.” (2002, Livro II p.73)

Mais uma vez a perseguição sofrida pelos cristãos diminui o perigo dos aproveitadores e traz credibilidade ao culto cristão. Como diria o próprio Tertuliano: o sangue dos mártires é a semente da igreja.

Eusébio, desta vez citando Hegesipo quanto do martírio de um primo de Jesus, filho de Clopas, este último citado em Jo 19:25, onde podemos ver que a

perseguição recaía sobre todos, mesmo um homem de avançada idade:

Vêm pois, e põe-se à frente de toda igreja como mártires e como membros da família do Salvador. Quando em toda igreja se faz paz profunda, vivem ainda até o tempo do imperador Trajano, até que o filho do tio do Salvador, o anteriormente chamado Simão (na verdade Simeão), filho de Clopas, foi denunciado e acusado igualmente pelas seitas, também pela mesma razão, sob o governo consular Ático. Durante muitos dias torturaram-no e deu testemunho, de maneira que todos, inclusive o governador, ficaram muito admirados de como continuava resistindo apesar de seus cento e vinte anos (nascido em 13 a. C., e portanto, sendo mais velho que seu primo Jesus). E mandaram crucificá-lo. (2002, Livro III, p. 105 e 106)

Assim sendo, aqueles homens e mulheres, até mesmo os mais próximos de Jesus, estavam dispostos a ir até as últimas consequências e acabaram pormenorizando as expectativas de um retorno rápido de Jesus, problemática levantada naquela época e que, não raro, é trazida a tona até hoje, pois Cristo afirmará que não passariam aquela geração sem que ele não voltasse e até mesmo Paulo se identificava como entre os vivos por ocasião da volta de Jesus. Aquela profecia acabaria ganhando outras interpretações, além disso, de maneira geral o cristianismo recompensava bastante: os menos afortunados recebiam ajuda; os doentes, assistência; o peso das diferentes classes sociais tinha menos importância; havia mais coerção social entre eles e as mulheres dispunham de uma vida familiar mais segura. Sobre este último ponto daremos mais atenção logo a seguir.

4 AS MULHERES NO CRISTIANISMO

Na atualidade o cristianismo é muito atacado por movimentos feministas que o acusam de ser “patriarcal e sexista”. Segundo alguns o cristianismo teria retirado da mulher uma dignidade social e política que ela desfrutava no paganismo, condenado a mulher a “esfera doméstica” e ao “controle sobre seus corpos livres”. É comum se tomar por base o texto de Paulo aos Efésios como prova deste “pecado original” cristão: Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao senhor (Ef 5:22).

A verdade não poderia ser mais invertida. Olvida-se, convenientemente, que, para esse trecho de efésios, por exemplo, a condição para um homem ser “chefe de família” é estar disposto até mesmo a entregar a própria vida pela sua esposa e filhos, como Cristo o fez pela igreja, se o mesmo não se prontifica, a mulher toma seu lugar. Tal coisa era completamente estranha a cultura antiga.

Se analisarmos objetivamente a cultura clássica observaremos que o cristianismo trouxe inúmeros benefícios às mulheres e isto seria a razão de sua presença predominante nas primeiras comunidades. Segundo Stark elas tem papel muito mais importante nos círculos cristãos do que imaginamos, ademais, no mundo greco-romano existiam muito mais homens que mulheres, pois estas últimas eram indesejadas, por vários motivos, como não levar o nome da família em diante, uma realidade ainda presente em muitas sociedades.

Naquela época o abandono de crianças indesejadas do sexo feminino e crianças deficientes do sexo masculino era legal, moralmente aceito e praticado em todas as classes sociais (Fox 1987; Gorman 1982; Pomeroy 1975; Russell 1958). “Sêneca considerava o afogamento de crianças uma prática ao mesmo tempo razoável e um lugar comum” (Stark 2006, p.134). Platão e Aristóteles recomendavam o infanticídio como uma política legítima do Estado (Platão, A República 5 e 5.9; Aristóteles, A Política 2,7 e 7.14.10.). Mesmo em famílias extensas era raro ter mais de uma filha criada, um estudo das inscrições de Delfos reconstituiu seiscentas famílias e somente seis tinham mais de uma filha (Lindsay 1968 apud Stark 2006, p.112).

Uma carta assinada por um homem chamado Hilarion, utilizada por vários autores, pode demonstrar a diferença de tratamento entre meninos e meninas já antes do nascimento:

Saiba que me encontro ainda em Alexandria. E não se preocupe se todos eles voltarem e permanecerem em Alexandria. Peço-lhes e imploro-lhe que cuide bem do nosso pequeno filho, e tão logo receba o pagamento enviá-lo-ei a você. Se você der à luz [antes de eu voltar para casa] um menino, mantenha-o; se for uma menina, descarte-a. Você me disse que não a esquecesse. Como conseguiria esquecê-la?! Peço-lhe que não se preocupe. (grifo nosso, Lewis 1985, p.54 apud Stark 2006, p.112)

Eis um perfeito exemplo do valor das mulheres no mundo romano. O aborto era o primeiro destino de uma mulher pagã. O infanticídio feminino era uma prática usual, como podemos acrescentar com outros dados, por exemplo, na cidade portuária de Ashkelon, ou Ascalon, onde realizaram

“uma terrível descoberta no esgoto que passava por baixo do banheiro de uma casa [...] O esgoto fora entupido de detritos em algum período do século VI a.C. Quando escavamos e succionamos a sujeira ressecada, encontramos [as] ossadas [...] de aproximadamente cem pequenos bebês, ao que tudo indica assassinados e jogados no esgoto.” (Smith e Kahila 1991, p.47 apud Stark 2006, p.135)

Um esgoto entupido de bebês abortados não deixaria nenhum pagão moralmente preocupado. Agora observemos como Tertuliano descreve o *kit* de aborto de Hipócrates:

Em primeiro lugar, uma armação flexível para abrir o útero e mantê-lo aberto; é guarnecido ainda uma lamina anular, por meio da qual os membros dentro do útero são dissecados com apreensão, mas também com firmeza; o último acessório é um gancho rombudo ou recoberto, por meio do qual o feto é totalmente extraído por um violento parto. Existe ainda uma agulha de bronze ou ponta de ferro com a qual a própria morte é administrada (1989 apud Stark 2006, p.136)

O aborto, em especial de meninas, era visto como um “procedimento médico corriqueiro” sem qualquer abalo psicológico. O escritor romano Aulo Cornélio Celso, que aconselhava aos “cirurgiões de um aborto” a máxima cautela, que depois da morte do feto introduzisse vagarosamente a “mão besuntada” na vagina e no útero, “ao verificar que a cabeça estava para baixo, enfiava um gancho dentro de um olho, de um ouvido ou da boca, por vezes na testa; em seguida, devia puxá-lo e extrair o feto”. Para os casos onde o feto não estivesse na posição ideal era recomendado que se cortasse o feto para retirar em pedaços (1935-1938 ed. Apud Stark 2006, p.136).

Não há como determinar exatamente a taxa de natalidade existente naquela época, mas é sabido que entre os cristãos era muito maior. A população Romana vinha caindo consideravelmente mesmo antes da peste, tanto que, no ano de 59 a.C., Júlio César sancionou uma lei que premiava com terra os pais que tivessem três ou mais filhos. Semelhantemente, o imperador Augusto promulgou leis que favoreciam politicamente homens que tinham três ou mais filhos e impôs sanções a casais sem filhos, mulheres solteiras acima dos trinta e homens solteiros acima de vinte e cinco (Stark 2006, p.131). Tal como podemos observar na Europa dos dias atuais, onde o islamismo vem crescendo, constatamos que preceitos religiosos, no caso cristão o “crescei e multiplicai-vos”, podem ser fatores decisivos para o aumento da natalidade.

Voltando a tocar na epidemia, a taxa de natalidade aumenta muito nas gestantes cristãs que recebiam tratamento, conseguiam manterem-se vivas e grávidas, aumentando a proporção de cristãos. Por outro lado, um fator que contribuía para a baixa natalidade entre os pagãos era a alta taxa de abortos cometidos pelas mulheres de então, que por vezes morriam, praticados por motivos financeiros, para esconder adultérios ou, como tínhamos dito anteriormente, por que os bebês eram defeituosos ou eram meninas.

Mas não se tratava somente de não matar as crianças nascidas meninas, o cristianismo modificou toda a vida conjugal das mulheres daquela época:

Um aspecto importante do avançado status das mulheres na subcultura cristã é que as cristãs não toleravam o infanticídio feminino. Isso decerto era o

resultado da proibição contra todos os infanticídios. No entanto, a concepção mais favorável do cristianismo em relação às mulheres também é demonstrada em sua condenação do divórcio, do incesto, da infidelidade conjugal e da poligamia (Stark 2006, p.119)

No que diz respeito a idade das mulheres quando contraíam o matrimônio, Stark destaca que

“os pagãos tinham três vezes mais probabilidade do que os cristãos de casar-se aos treze anos de idade (10% casavam-se por volta dos onze). Praticamente a metade (44%) dos pagãos casara-se aos quatorze, em comparação com 20% dos cristãos. Em contrapartida, quase metade das mulheres cristãs não se casara antes dos dezoito anos de idade, em comparação com pouco mais de um terço (37%) das pagãs.” (Stark 2006, p.122)

Muitas das moças não cristãs tinham que encarar a difícil “tarefa” de casar-se, muito comumente, com homens bem mais velhos, antes mesmo da menarca. As cristãs gozavam de, até então um privilégio, contraírem um matrimônio um pouco mais maduras e com homens não tão mais velhos.

No mundo pagão e cristão o coeficiente entre mulheres e homens era diferente, no primeiro havia mais homens do que mulheres, no segundo, o contrário, devido às mulheres serem majoritariamente convertidas primárias, como veremos posteriormente. Isto abriu espaço para os casamentos exógamos, o que, para o cristianismo, dentro da proposta proselitista natural, condição *sine qua non* ao cristianismo, constituía em oportunidade para conversões secundárias. Isso era possível devido ao fato do cristianismo exigir um alto comprometimento de seus conversos, além do mais, os “candidatos a marido” pagãos não tinham o desejo, ou até mesmo missão, de converter seu cônjuge. Outro fator é que em um casamento misto o cônjuge menos religioso comumente se converte a religião do outro.

4.1 O Papel da Mulher na Conversão e seu *Status Social*

Neste momento, abrimos espaço para explicar a diferenciação que Stark faz entre conversão primária e secundária, na primeira, o convertido se envolve ativamente em sua conversão e é participativo em sua nova condição, já na segunda, o converso é passivo, não se envolvendo plenamente em sua nova condição, como um cônjuge que acompanha a decisão do parceiro. O que podemos ver na igreja primitiva é que as mulheres exercem o papel primário no que diz respeito a sua conversão e os maridos as acompanhavam, mesmo que relutantemente. Depois que o chefe de uma família tornava-se cristão, comumente, o restante da casa o acompanhava, como filhos e servos.

Temos um relato bíblico da conversão de uma mulher chamada Lídia, convertida primária, levou todos em sua casa a serem convertidos secundários, vejamos:

E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia. E, depois que foi batizada ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao senhor, entrai em minha casa, e fica ali. E nos constrangeu a isso. (At 16:14-15)

Como foi observado, mesmo em movimentos modernos, é muito comum que as mulheres deem um primeiro passo rumo a uma nova fé, como podemos ver em um senso, realizado em 1992, onde 75% dos membros da seita Ciência Cristã eram mulheres, o que aconteceu em 60% dos teosofistas, swedenborgianos (nova igreja ou igreja nova, fundado pelo sueco Emanuel Swedenborg, que teria recebido uma revelação de Jesus Cristo para compreender um sentido oculto da Bíblia) e espiritualistas (Stark e Bainbridge 1985 apud Stark 2006, p.115).

Voltemos nossos olhos para uma recomendação do apóstolo Paulo, em sua carta aos romanos:

Recomendo-vos pois Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencréia. Para que as recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que vós necessitar; porque tem hospedado a

muitos, como também a mim mesmo. Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida expuseram as suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas também a todas as igrejas dos gentios (Rm 16:1-4)

Quando, na primeira carta a Timóteo, listou deveres de Bispos e diáconos, escreveu também assim: “Da mesma sorte as mulheres sejam honestas, não maldizentes, sóbrias e fieis em tudo” (1 Tm 3:11). Atentemo-nos para as considerações de Stark sobre os versículos anteriores:

[...] Por causa dos tradutores da versão inglesa da Bíblia, que preferiram referir-se a Febe simplesmente como ‘serva’ da igreja, e não como diaconisa, transformando as palavras de Paulo em 1 Timóteo em comentário dirigidos às esposas de diáconos. Isso, no entanto, reflete as normas sexistas vigentes no século XVII, e não realidades das primeiras comunidades cristãs (Stark 2006, p.124)

Traduções modernas retornaram a linguagem original, restabelecendo o papel importante que as mulheres desempenharam no cristianismo, e que as diferenciavam em comparação, não somente, entre os pagãos, mas, também entre os judeus. No mitraísmo, frequentemente colocado como um competidor do cristianismo, só era facultado o direito a participação a homens.

Contemplemos outro autor que Eusébio nós traz, tratasse de Justino, que testemunha que

“uma mulher vivia com o seu dissoluto marido, e ela mesma havia-se dado anteriormente à vida dissoluta. Mas, depois que conheceu os ensinamentos de Cristo, aprendeu a conter-se e tratava de persuadir seu marido a tornar-se casto também, apresentando os ensinamentos e anunciando-lhe o castigo que o fogo eterno terão os que vivem castamente e conforme a reta razão. [...] E como se os seus lhe suplicam e a aconselharam que aguardasse ainda, com a esperança de que o homem pudesse ainda mudar, fazendo uma violência contra si mesma, esperou. Mas depois que seu marido foi para Alexandria e ela teve notícia de que ali fazia coisas piores, para evitar compartilhar com ele as injustiças e impiedades permanecendo no matrimônio e compartilhando a mesa e o leito, deu-lhe o que entre vós se chama repúdio e se separou. Mas o bom de seu marido, que deveria alegrar-se de que sua mulher, antes entregue à vida fácil com criados e diaristas, desfrutando de bebedeiras e todo tipo de maldades, não somente havia cessado com todas estas práticas, mas que também queria que ele deixasse de fazer o mesmo, porque havia se separado sem que ele o quisesse, vai e a acusa de ser cristã.” (2002, livro IV, p. 136)

Eusébio continua a história, terminada com o sacrifício de Ptolomeu que ensinava as práticas cristãs, um tal Urbicio que o defendeu e Lúcio que também era cristão. O que vemos aqui é uma mulher tomando a dianteira, no que diz respeito a conversão e, após desavenças com o cônjuge, trata de repudiá-lo.

5 Considerações finais

Ao término deste trabalho acreditamos ter oferecido elementos fortes suficientes para a reavaliação das causas que explicam o crescimento e o sucesso do cristianismo no império romano. A comunidade cristã primitiva nasceu em uma época onde o maior governo do mundo estava em seu auge e Roma dominava sobre boa parte do mundo conhecido, surgiam novas cidades e a população aumentava, mas

“Toda essa esplêndida construção, no entanto, repousava em bases nada morais - muitas vezes, se apoiava em simples violência e crueldade. O divino César poderia ser um Calígula ou um Nero, a riqueza era um pretexto para a devassidão, e a prosperidade das classes abastadas estava baseada na instituição da escravidão - não a escravidão doméstica das civilizações primitivas, mas uma organizada escravidão colonial que não deixava espaço para nenhuma relação humana entre escravo e senhor.” (DAWSON, 2014, p. 207)

Contrariando esta realidade, Stark destaca o que, para ele, é fator definitivo no crescimento do cristianismo e que suas “doutrinas fundamentais [...] estimularam e sustentaram organizações e relações sociais atrativas, liberadoras e efetivas” (2006, p.236), por exemplo, Paulo, em Filemon 16, pede para que um escravo fugitivo volte para ser recebido “como um irmão”. Para todos esses pontos o cristianismo estimulou relações sociais positivas, libertou algumas amarras sociais e, o mais importante, funcionou.

Além disto, o cristianismo ofereceu novas redes de solidariedades capazes de atrair famílias inteiras que já não viam na religião pagã a satisfação de suas necessidades. Neste processo foram às mulheres, muitas delas ocupando locais importantes nas cidades como “Priscila, mulher de Áquila”, que hospedou Paulo em Atenas, ou “Febe, a diaconisa”, que viram na moral cristã uma forma de garantir sua dignidade e liberdade.

Infelizmente é possível que o tempo e a falta de experiência não tenha deixado claro os objetivos do trabalho que, como toda pesquisa, está sujeita a

críticas e questionamentos. Esperamos, todavia que o mesmo seja útil aos interessados em conhecer melhor as origens da maior religião do mundo e que serviu de base para a civilização ocidental.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo, Sp: Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2ª Ed, Revista. Imprensa nacional- Casa da Moeda, 2005.
- BOAK, Arthur E. R. **A history of Rome to 565 A.D.** New York, Macmilan, 1947, 3 ed
- BLAU, Joseph L. **Modern Varieties of Judaism**. New York, Columbia University Press, 1964.
- CELSIUS, Aulo Cornélio. **De Medicina**. Cambridge, Havard University Press, 1935-1938.
- CIPRIANO. **Treatise of Soul**. Roy J. Deferrari. New York, Fathers of the Church, 1958.
- DAWSON, Christopher. **A Formação da Cristandade: Das Origens na Tradução Judaico-cristã à Ascensão e Queda da Unidade Medieval**. Tradução: Márcia Xavier de Brito. São Paulo, SP: É Realização Editora, 2014.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, SP, Paulus, 1995.
- EUSÉBIO. **História Eclesiástica**. Tradução: Wolfgang Fischer. São Paulo, SP: Novo Século, 2002.
- _____. **The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus**, Bishop of Cesarea, in Palestine. Grand Rapids, MI, Baker Book House, 1850.
- FOX, Robin Lane. **Pagans and Christians**. New York, Knopf, 1987.
- FREND, W. H. C. **Martyrdom and Persecution in the early Church**. Oxford, Basil Blackwell, 1965.
- _____. **The Rise of Christianity**. Philadelphia, Fortress Press, 1984.
- FURNISH, Victor Paul. **“Corinth in Paul’s Time: What Can Archaeology Tell Us?”** Biblical Archaeology Review 15 (maio-junho), 1988.
- GAGER, Jonh G. **Kingdom and Comunity: the social World of early Christianity**. Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall, 1975.
- GLOCK, Charles Y. **“the role of deprivation in the origin ad evolution of religious groups.”**In: Robert Lee Martin E. Marty (eds.) Religion and social conflict. New York,

oxford university press, 1964. Pp 64-87.

GORMAN, Michael J. **Abortion and the Early Church**. Downers Grove, IL. InterVarsity Press, 1982.

Harnack, Adolf. **History of dogma**. London, Willians and Norgate, 1984.

_____. **The mission and Expansion of Christianity in the first three centuries**.

New York, G. P. Putnam's Sons, 1908, 2v (trad. James Mofatt).

HOOK, Ronald F. **the social context of Paul's Ministry**: tentmankig and apostleship. Philadelphia, Fortress Press, 1980.

_____. **the Response to Rodney Stark's 'Jewish Conversion and the Rise of Christianity.'** Comunicação apresentada ao Social History of Early Christianity Group of society of Biblical Literature, Atlanta, 1986.

JONHSON, Alan G. **Dicionário de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

JOHNSON, Benton. **"On Church and sect."** American Sociological Review 28:539-549,1963.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Tradução: Cristiane de Assis Serra. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 2001.

JUDDGE, E. A. **The Social Pattern os Christian Groups in The First Century**. London, Tyndale, 1960.

LEVICK, Barbara. **Roman Colonies in Southern Asia Minor**. Oxford, Clarendon, 1985.

LEWIS, Naphtali. **Life in Egypt under Roman Rule**. Oxford, Clarendon, 1985.

LINDSAY. Jack. **The Ancient World: Manners and Morals**. New York, G. P. Putnam's Sons, 1968.

MALHERBE, Abraham J. **Social Aspects of Early Christianity**. Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1977.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Marx and Engels on Religion**. New York, Schocken Books, 1967.

MEYERS, Eric M. **Early Judaism and Christianity in the Light of Archaeology**. Biblical Archaeologist, 1988.

NIETZSCHE, Friedch Wilhelm. **O Anticristo**. Versão para EBook, 2002.

POMEROY, Sarah B. **Goddesses, Whores, Wives, Slaves: Women in Classical Antiquity**. New York, Schocken Books, 1975.

PLATÃO. **A República**. Saraiva de Bolso, 2011.

ROBBINS, Thomas. **Cults, Converts and Charisma: The Sociology of New Religious Movements**. Beverly Hills, CA, Sage, 1988.

RUSSELL, J. C. **Late Ancient and Medieval Population** (publicado como v. 48, parte 3, das Transactions of the American Philosophical Society). Philadelphia, American Philosophical Society, 1958.

SMITH, Patricia; KAHILA, Gila. **Bones of a Hundred Infants Found in Ashkelon Sewer**. *Biblical Archaeology Review* 17 (julho-agosto), 1991.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo: Um sociólogo reconsidera a história**. Trad.: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo, Paulinas, 2006.

_____; BAINBRIDGE, William Sims. **The future of religion: Secularization, Revival, and Cult Formation**. Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 1985.

_____; _____. **“Of Churches, Sects, and Cults: Preliminary Concepts for a Theory of Religious Movements.”** *Journal for the Scientific Study of Religion* 18:117-131, 1979.

STEINBERG, Stephen, **Reform Judaism: The Origin and Evolution of a “Church Movement”**. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 1965.

TERTULIANO. **The ante-Nicene Fathers**. Alexander Roberts e James Donaldson. Grand Rapids, MI, Eerdmans, 1989.

WEBBER, Max. **Religion and Social Status. Theories of Society**. New York, The Free Press, 1961.

ZINSSER, Hans. **Rats, Lice and History**. New York, Bantam, 1960.